

## **O PODER DA LITERATURA MORALIZADORA DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA E O CONFLITO DO HOMEM BARROCO EM GREGÓRIO DE MATOS**

*Gisele Palmieri* (UERJ)  
[giselepalmieri@yahoo.com.br](mailto:giselepalmieri@yahoo.com.br)

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem por objetivo analisar a produção poética de dois importantes autores do período barroco. São eles: Padre Antônio Vieira e Gregório de Matos.

O crescente individualismo que marginalizou a espiritualidade na Renascença é combatido no Seiscentismo. Neste último período revela-se a tendência a uma doutrinação dirigida. A cristianização tenta dar retorno às questões religiosas, que o homem havia ignorado no seu interesse terrenalista do período anterior. Instaure-se, assim, a dúvida, o conflito, a tensão psicológica de um homem que tentava conciliar as necessidades materiais (da carne) e as aspirações religiosas (espirituais).

Padre Antônio Vieira serve ao ideal da literatura moralizante, espiritual, com vistas a doutrinar o homem que estava perdido em desgraças neste mundo. Já Gregório de Matos, reflete em suas obras o homem em conflito com os valores terrenos e espirituais, que tenta conciliar as duas idéias opostas e se perde na dúvida. Será apresentado um sermão de Padre Antônio Vieira, que serve ao propósito de mostrar sua postura no Barroco e um poema de Gregório de Matos, que exemplificará o conflito do homem aos quais eram dirigidos tais sermões.

### **PADRE ANTÔNIO VIEIRA**

Padre Antônio Vieira viveu no contexto do Barroco, em que se cultivava a cultura do excesso, juntamente ao saber ornamental da palavra. A oratória, cuja função social era a propagação da fé e do catolicismo, adquire grande importância priorizando as regras da eloquência e produzindo um discurso engenhoso. O belo está presente

como ornamentador do discurso. Os sermões de Padre Antônio Vieira servem a este propósito: propagar a fé com os recursos da retórica. Conceptista, ele presta especial atenção ao conceito.

Padre Antônio Vieira acreditava ser escolhido por Deus para uma missão na Terra: disseminar a palavra de Deus. “Vieira, como porta-voz deste Senhor Absoluto, se dirige a um mundo desordenado, a um mundo que caminha para a destruição, tal como ele, se não tivesse tido o privilégio de ser o escolhido.” (Ferreira, 1999, p. 1179) Ele acreditava que as palavras continham em si mesmas o seu significado – na sua própria essência – significado este, determinado por Deus. A língua portuguesa, para ele, é uma língua fundamental, “onde todos os seus elementos já contém em si mesmo o valor universal da Verdade. Desta forma, além dos fonemas e da etimologia, as letras também portam um sentido.” (*ibidem*, p. 1178). Como exemplo, destaca-se o sermão dedicado a Nossa Senhora do Ó, em que ele fala o tempo inteiro do significado da letra “o”, destacando-a como figura geométrica e como fonema. Sendo assim, o sentido desta palavra está associado à sua forma e ao seu som. A ver:

Sermão da Nossa Senhora do Ó. A figura mais perfeita e mais capaz de quantas inventou a natureza, e conhece a Geometria, é o círculo. Circular é o Globo da terra, circulares as Esferas Celestes, circular toda a máquina do Universo, que por isso se chama Orbe, e até o mesmo Deus, se, sendo espírito, pudera ter figura, não havia de ter outra, senão a circular. O certo é, que as obras sempre se parecem com seu Autor: e fechando Deus todas as suas dentro em um círculo, não seria esta idéia natural, se não fora parecida à sua natureza(...) O primeiro círculo, que é o mundo, contém dentro de si todas as coisas criadas: o segundo, incriado e infinito, que é Deus, contém dentro em si o mundo, e este terceiro, que hoje nos revela a fé, contém dentro em si ao mesmo Deus: *Ecce concipies in útero, et paries Filium: hic erit magnus, et Filius Altissimi vocabitur*<sup>4</sup>. Nove meses teve dentro de si este círculo a Deus; e quem pudera imaginar, que estando cheio de todo Deus, ainda ali achasse o desejo capacidade e lugar para formar outro círculo? Assim foi; e este novo círculo formado pelo desejo, debaixo da figura e nome do O, é o que hoje particularmente celebramos na Expectação do parto já concebido: *Ecce concipies, et paries*. De um e outro círculo, travados entre si, se comporá o nosso discurso, concordando ( que é a maior dificuldade deste dia) o Evangelho com o título da Festa, e o título com o Evangelho. O mistério

---

<sup>4</sup> Lc 1 [:31] [E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado do Altíssimo; e o senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai]

do Evangelho é a Conceição do Verbo no ventre virginal outro círculo; o que pretendo mostrar, em um e outro, é que assim como o círculo do ventre virginal na Conceição do Verbo foi um O que compreendeu o Eterno. Tudo nos dirão, com a Graça do Céu, as palavras que tomei por tema: *Ave Maria*. (Vieira, 2002, p. 11)

As letras, para Vieira, carregam em si mesmas um sentido. Podemos, assim, ver expressa no “Sermão da Nossa Senhora do Ó, a idéia de língua fundamental: a idéia do círculo para representar o fonema [o] não foi por acaso; tem um significado. A forma (letra) O, sendo um círculo, representa o desejo: quando alguém deseja algo, exclama oh! [O] da eternidade: Deus (pai); [O] do desejo: Jesus (filho).

Para Vieira, o mistério da Santíssima Trindade está contido na letra “O”. E o grande milagre que ele celebra neste sermão é a indagação de, como um círculo tão pequeno (o útero de Maria), pôde guardar a vida de um ser tão importante, que é o filho de Deus. Não poderia haver, então, figura mais perfeita para representar o ventre, do que o útero de uma grávida.

O símbolo do eterno (desejo de Maria de ver o filho de Deus concedido) é associado ao símbolo da imensidão, que é o fato de haver tão grande ser em tão pequeno círculo, ambas representadas pela letra “O”. Daí o sentido único que Padre Antônio Vieira dá as coisas. Tudo tem sentido atribuído e valor associado.

A esse valor de significação que Vieira atribui a tudo e, por conseguinte, tudo ter um mistério a ser decifrado, a segunda parte do sermão bem exemplifica:

Uma das maiores excelências das Escrituras Divinas, é não haver nelas nem palavra, nem sílaba, nem ainda uma só letra, que seja supérflua, ou careça de mistério. Tal é o misterioso O que hoje começa a celebrar, e todos estes dias repete a Igreja, breve na voz, grande na significação, e nos mistérios profundíssimo. Mas contra este mesmo princípio, parece que no nosso texto, com ser tão breve, não só temos uma letra, senão uma sílaba, e uma palavra supérflua. E que sílaba, e que palavra? *In uter*: dizendo o Anjo à Senhora: *Ecce concipies, et paries*: que conceberia, e pariria o Filho de Deus, bem claramente se entendia não só a sustância do mistério, senão o modo e o lugar; e que este havia de ser o sacramento virginal do ventre santíssimo. Supérfluo parece logo, sobre a palavra *Concipies*, acrescentar, *In utero*. Mas esta embaixada deu ao Anjo, mandou-a Deus, e refere-a o Evangelhista: e nem Deus, nem o Anjo, nem o Evangelhista, haviam de dizer palavras supérfluas. A que fim, pois,

quando se anuncia este oráculo ( que foi o maior que veio, nem virá jamais do Céu à terra), se diz e se repete por três bocas, uma divina, outra Angélica, e outra mais que humana, que o mistério da Conceição dos Verbos e há de obrar sinaladamente no útero ou ventre da Mãe: *Ecce concipies in utero?* Sem dúvida, porque era tão grande a novidade, tão estupenda a maravilha, que necessitava a Fé de toda a expressão. Haver-se Deus de fazer o homem, novidade foi que assombrou aos Profetas quando a ouviram. Porém que esse mesmo Deus, sendo imenso, se houvesse ou pudesse encerrar em um círculo tão breve, como o ventre de uma Virgem: *Inútero?* Esta foi a maravilha que excede as medidas de toda a capacidade criada. (Vieira, 2000, p. 12)

## GREGÓRIO DE MATOS

Gregório de Matos Guerra (1636-1696) nasceu em Salvador, estudou em colégio de jesuítas, formou-se doutor em Coimbra. Retornou ao Brasil e morreu em Recife. Suas obras adquirem grande importância como documento da vida social dos Seiscentos e pelo nível artístico atingido. É considerada a primeira manifestação nativista da nossa literatura. Petrarca e Camões o inspiraram.

A musa gregoriana teve múltiplas dimensões: sacra, moral, erótica, satírica e escatológica. Ele descreveu em seus poemas o lírico-amoroso, o religioso e o satírico. Porém, a vertente mais original de sua obra foi a sátira.

Podemos apontar um contraste em suas produções literárias: ora satiriza irreverentemente, ora se torna poeta devoto. A intenção da sua sátira é moralizadora. A sua lírica religiosa é a que mais se aproxima dos fundamentos do Barroco e a lírica satírica é a que mais se afasta, pois se volta para a realidade baiana do século XVII. Daí uma ambigüidade na escolha de seus temas. Em suas poesias de tema religioso pode-se destacar uma retórica nobre e moralizante. O poeta reflete sobre a inconstância do mundo, revelando claramente a influência de Camões. Em sua lírica fica evidente o tema da contrariedade barroca, através do abundante uso de antíteses e oxímoros. Ele aborda questões próprias do período barroco como a efemeridade da vida, o pessimismo e o desengano do mundo. O poema abaixo, destaca essas características:

MORALIZA O POETA NOS OCIDENTES DO SOL  
A INCONSTÂNCIA DOS BENS DO MUNDO

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da Luz se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?  
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,  
Na formosura não dê constância,  
E na alegria sinta-se a tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,  
E tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza na inconstância. (Rocha, 2004, p. 6)

O poema reflete a efemeridade da vida. Pessimista, sentindo o desengano do mundo o eu lírico se indaga sobre o sofrimento que se prolonga e a alegria que, tão rápido, termina, assim como o Sol, que “não dura mais que um dia”. Pode-se perceber o uso de jogos de antíteses como exemplo, dia/noite; Luz/noite escura; tristeza/alegria. O uso destas antíteses reflete o estado contraditório da condição humana, à luz da temática barroca. E remete a uma antítese maior, própria da reflexão barroca e que abrange todas as outras antíteses: vida/morte. É a dualidade antitética barroca.

Na terceira estrofe, onde o eu lírico parece querer dar uma solução no problema da Luz e da formosura, que não duram, temos o paradoxo que revela o pessimismo do homem barroco, ao acreditar não haver jeito para este mundo. “... E na alegria sinta-se tristeza.”. Termina por achar, que só pode haver luz se houver sombra, ou seja, o mundo possui dois lados opostos. E por isso tem “a firmeza somente na inconstância”.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentou-se mostrar neste trabalho, como se pretendia, de um lado, doutrinar o homem no intuito de propagar a fé católica. Do outro, o conflito de se tornar alvo de um interesse objetivando fortale-

cer a Igreja Católica, que perdia sua força. Assim, a dúvida do homem barroco é exemplificada numa literatura em que predomina o excesso, o exagero, a linguagem extremamente exuberante, a utilização de figuras de linguagem como a antítese, o paradoxo, o oxímoro e a hipérbole.

As alegorias de Padre Antônio Vieira, presente em seus sermões, revelam sua adesão à corrente conceptista, que valoriza as idéias, a propagação de conceitos, a linguagem mental. O rebuscamento de Gregório de Matos revela sua adesão ao cultismo, que valoriza a imagem, a linguagem cromática, servindo assim, à reprodução da sua angústia.

#### BIBLIOGRAFIA

CANDIDO, Antonio. Literatura como sistema. **In:** —. *Formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos. 4 ed. São Paulo: Martins, V1, p.23-5.

FERREIRA, Nadiá Paulo. *Poesia Barroca. Antologia do século XVII em língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2000.

MERQUIOR, José Guilherme. O Barroco, primeiro estilo da cultura ocidental moderna. **In:** —. *De Anchieta a Euclides. Breve história da literatura brasileira I*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p. 10-16.

ROCHA, Fátima Cristina Dias. A poesia da Época Gregório de Matos. **In:** *Poesia brasileira: Um percurso (do século XVII à atualidade)*. Antologia Poética. UERJ, 2004.